

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO EM 1940

ELZA COELHO DE SOUSA
Da Divisão de Geografia do C.N.G.

Introdução

O estado de São Paulo, o mais povoado da União, tinha em 1940 um total de 7 180 316 habitantes. De todos os estados do Brasil é o que conta com população urbana mais numerosa, entrando ela com 44% da população total, proporção bastante apreciável num país como o Brasil, em que 68% dos habitantes são rurais.

Neste particular, o estado de São Paulo apresenta na distribuição da população um aspecto bastante diferente da maioria dos estados brasileiros, em que o predomínio da população rural é marcante. O estado do Maranhão por exemplo, chega a uma proporção de 85% de habitantes rurais para 15% de urbanos e suburbanos.

No mapa de distribuição da população de São Paulo chama logo a atenção o grande número de cidades. Nada menos que 40 cidades têm mais de 10 000 habitantes, sendo que 8 têm mais de 30 000.

Neste estado bem servido pelas vias de comunicação ferroviárias e rodoviárias, as cidades possuem, graças à facilidade de intercâmbio proporcionada por elas um intenso movimento comercial. Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento de numerosas cidades paulistas é o grande progresso da indústria e as disponibilidades em energia.

A quase totalidade do território paulista se encontra ocupado e valorizado, excetuando-se estreitas faixas desabitadas que acompanham a escarpa da serra do Mar, paralela ao litoral, e para o interior, o vale do rio Paraná e o baixo vale dos seus tributários. Uma frente pioneira avança na direção das barrancas do Paraná, ao longo dos espigões que separam paralelamente os seus afluentes.

Podem-se destacar, de início, dois aspectos bem distintos na distribuição da população, tanto rural quanto urbana, do estado. Aspectos diferentes que foram determinados por condições históricas, topográficas, geológicas e climáticas distintas.

Na parte leste e sul do estado, na zona cristalina, bastante acidentada, a penetração se fez acompanhando os vales, onde se estabeleceu de início o povoamento. Tal aspecto apresenta o vale do Paraíba, o do alto Tietê e de seus afluentes: o Sorocaba, o Piracicaba e os pequenos vales afluentes dos rios Moji-Guaçu e Pardo, que dissecam a escarpa ocidental da Mantiqueira.

Na região sedimentar, situada a oeste e norte do estado, com seu relêvo suave, são os espigões que orientam o povoamento. À maior facilidade de cir-

culação pelo alto dos divisores, à sua maior salubridade, vem juntar-se outro fator importante que condicionou um adensamento maior da população ao longo dêles: é a qualidade superior dos seus solos, em relação aos solos do fundo dos vales. A maior facilidade de construção e conservação das estradas fêz com que os trilhos das ferrovias e os leitos das rodovias corressem sôbre os espigões, estendendo-se ao longo das vias de comunicação um rosário de vilas e cidades.

A zona oeste de povoamento recente, com sua característica ocupação dos espigões, acha-se separada do leste cristalino, montanhoso e de ocupação mais antiga, por uma faixa de povoamento menos denso, que corresponde nítidamente à depressão permocarbonífera, de solos arenosos e pobres, cobertos de campos cerrados e que se estende em forma de crescente de Mococa e Casa Branca a nordeste até Capão Bonito e Itararé a sudoeste.

Não só na sua distribuição espacial a população apresenta um caráter diferente nessas duas grandes regiões do estado; a própria história do povoamento se fêz diversamente.

A zona leste do estado: o vale do Paraíba, a depressão permiana, os altos vales do Tietê e seus afluentes, zonas mais cedo conquistadas pelos colonizadores (séculos XVI, XVII e XVIII) foram primitivamente ocupadas por constituírem caminhos naturais de penetração, quer para as "minas gerais", quer para as regiões de mineração de Goiás e de Mato Grosso, como para o Rio de Janeiro ou para os campos do Sul.

Até o início do século XIX, o povoamento se estendia apenas ao longo dêsses caminhos. Numerosos pousos, estabelecidos à margem dêles, deram origem a prósperas cidades como Campinas, Moji-Mirim, Batatais, que surgiram no caminho que demandava as minas de Goiás. Ao longo do Tietê, o caminho fluvial para as minas de Cuiabá, surgiram cidades que também devem sua origem à situação de pontos de passagem, como Pôrto Feliz, antigo Ararituaba.

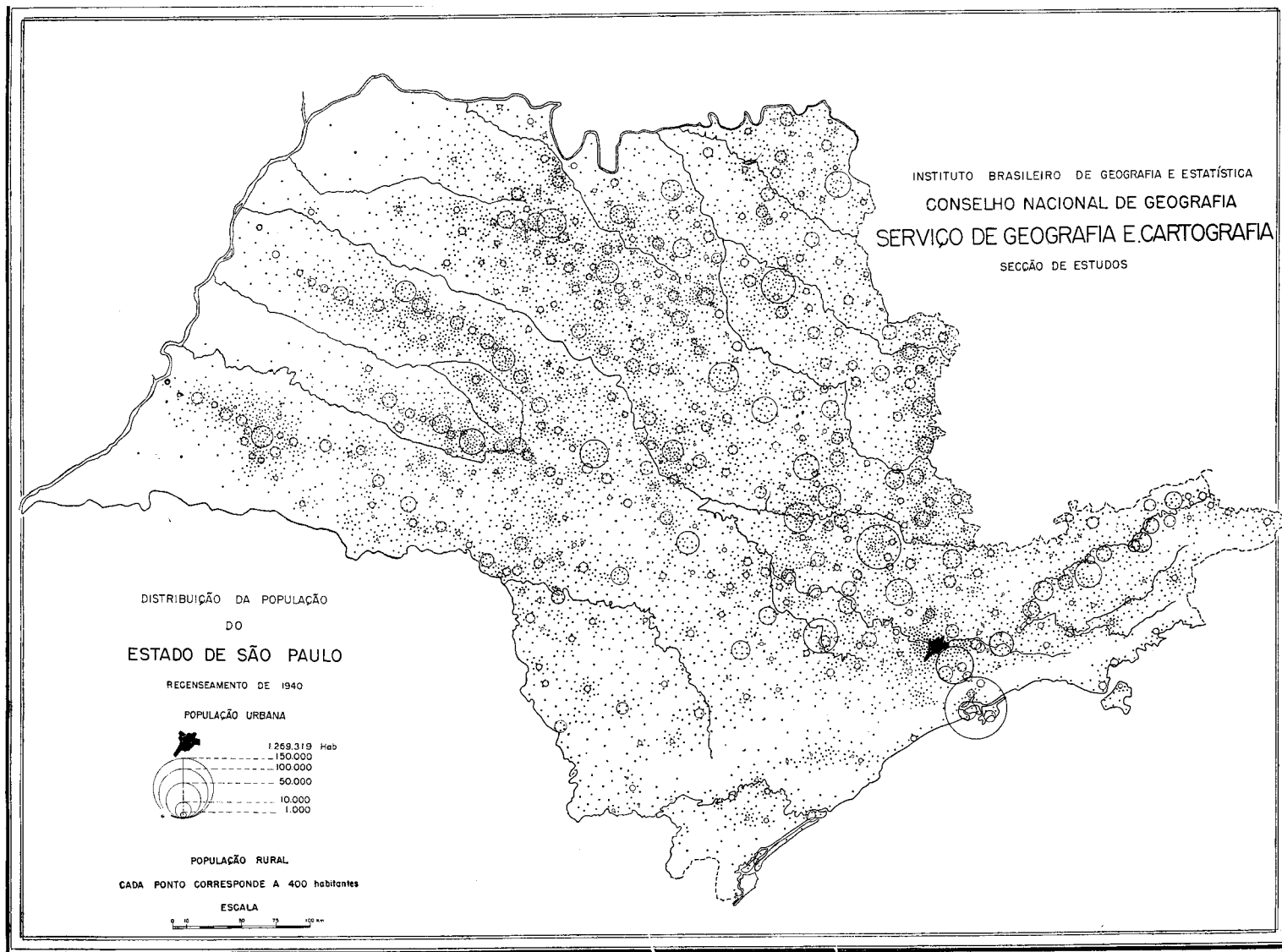
Também no vale do Paraíba, o caminho para as "minas gerais", numerosas cidades surgiram, quer originárias de antigos pousos, quer em consequência do comércio do ouro, que descia para o litoral por dois antigos caminhos de índios: Cunha-Parati e São Luís do Paraitinga-Ubatuba.

Outro fator que nos três primeiros séculos da colonização foi freqüente na fundação de cidades em São Paulo foi a capela: Jundiáí, Bragança, (Bragança Paulista)¹, Cutia, São Roque tiveram tal origem.

Na segunda metade do século XIX e no século XX é que se fêz o povoamento do noroeste paulista. Até o início do século XX todo o sertão do Paraná além da depressão permiana ainda aparecia nos mapas como "sertão desconhecido habitado por índios". Foi o café, vindo das zonas de ocupação mais antiga, que desbravou e povoou o noroeste paulista fazendo sua riqueza. São aí numerosas as cidades que se originaram de antigos patrimônios doados pelos grandes fazendeiros de café.

Enquanto no leste muitas cidades se originaram e se desenvolveram pela sua situação à margem de caminhos importantes, o oeste se povoou, graças à expansão da cultura cafeeira sempre em busca de terras virgens e férteis.

¹ Os nomes colocados entre parêntesis correspondem às designações atuais dos municípios.



Um fato característico a se destacar de início quando se estuda a distribuição da população paulista é a concentração dessa população no planalto interior e não na zona litorânea, como ocorre em muitos estados do Brasil, como os do Nordeste por exemplo. Tal fato é explicado pela grande proximidade da serra do Mar, o que determina uma faixa costeira muito estreita e formada por terrenos baixos, cobertos de pântanos e de mangues. Em Santos, o mar não dista mais que 15 quilômetros da base da serra.

O planalto oferece condições naturais muito mais favoráveis ao povoamento. Neste particular, necessário se torna salientar que as importantes correntes imigratórias que desde meados do século XIX se dirigiram para o território paulista e constituídas, sobretudo, por italianos que vinham para o trabalho agrícola, localizaram-se quase exclusivamente no planalto, por onde se estendiam as fazendas de café. Segue-se um estudo mais pormenorizado de alguns aspectos da distribuição da população rural e urbana no estado.

Região litorânea

A orla litorânea paulista apresenta-se, de modo geral, pouco povoada. Nela deve-se distinguir o trecho que se estende de Santos para nordeste daquele que vai daí para sudoeste.

O litoral, a nordeste da baía de Santos em São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba, é muito recortado com numerosas baías e enseadas e com a serra bastante próxima, o que torna a faixa litorânea muito estreita. Êste litoral recortado e jovem é muito mais povoado que o trecho que vai de Santos para sudoeste, litoral retificado, pantanoso e coberto de mangues, onde a malária ainda hoje constitui uma ameaça à saúde da população local. Neste trecho, apesar da faixa litorânea apresentar-se mais larga, com a serra de Paranapiacaba — nome local da serra do Mar — bastante mais para o interior, as condições naturais não são propícias a um grande povoamento, sem obras preliminares de saneamento.

Uma das causas preponderantes do povoamento reduzido da faixa litorânea paulista é, sem dúvida, a dificuldade de comunicações com o planalto interior através da escarpa da serra. Os vales dos rios não facilitam a penetração, pois, correm êles paralelamente ao litoral, seguindo a direção geral NE-SW, direção comum a todo o relêvo apalachiano do leste brasileiro.

No entanto, no litoral nordeste bastante articulado estabeleceram-se numerosos pequenos portos que tiveram sua importância, como pontos de embarque dos produtos do vale do Paraíba, principalmente do café que fez a sua riqueza no século XIX, ou do ouro vindo das “minas gerais” no século XVIII. Todos êsses pequenos portos constituíam o término de estradas, que atravessando a escarpa da serra, punham em comunicação o litoral com o interior: Caraguatatuba-Paraíba; Ubatuba-São Luís do Paraitinga; Parati (est. do Rio de Janeiro)-Cunha.

Hoje essas estradas perderam a sua função e os pequenos portos a que servem dormem no abandono e na ruína. A população litorânea vive, sobretudo, da pesca.

Em São Sebastião desenvolveu-se nos últimos anos uma próspera indústria de frutas de uma companhia estrangeira, que possui extensas plantações de laranjas e *grape-fruits*. Tal indústria constitui um importante horizonte de trabalho para os habitantes locais e um fator de progresso para esta pequena cidade. Nas vizinhanças de Santos e Bertioga são também bastante importantes as plantações de bananas para exportação.

No litoral de sudoeste a maior concentração de população verifica-se ao longo do Ribeira de Iguape, o único rio de importância que atravessa a serra do Mar em todo o território paulista. Êste litoral permanece isolado do resto do estado, dada a precariedade de comunicações com o planalto. Apesar da serra do Mar apresentar-se aí com altitudes inferiores às de mais a leste, ela se desdobra em numerosas cristas, o que torna a zona montanhosa mais extensa e por isso mesmo mais difícil de ser vencida, o que dificulta sobremaneira a ligação com o interior.

Apresenta êste trecho do litoral paulista as mais baixas densidades de população do estado: Cananéia e Iporanga têm menos de 5 habitantes por quilômetro quadrado.

É necessário salientar aqui a importância da colonização japonesa no vale do Ribeira, principalmente em Registro, Sete Barras e Juquiá, à qual se deve a maior concentração de população aí verificada. Êsses japoneses dedicam-se de preferência à cultura do arroz feita nos terrenos planos do fundo dos vales e à cultura do chá. Estão êles valorizando esta zona até então pouco aproveitada.

Serra do Mar

Em tôda a extensão do território paulista, separando êsse litoral despojado das terras bastante ocupadas de "serra acima" ergue-se a escarpa da serra do Mar, com altitudes, em alguns trechos, superiores a 1 500 metros. Por constituir uma escarpa abrupta coberta de densa e cerrada mata tropical, a serra do Mar na sua encosta apresenta-se quase que desocupada, como se pode observar no mapa.

O caminho mais importante que atravessa essa escarpa, eixo de tôda a comunicação com o planalto, é o que vai de Santos a São Paulo. É o antigo "caminho do Mar" dos primitivos habitantes da região e que foi aproveitado pelos primeiros colonizadores. De fato, em tôda a extensão da serra do Mar, a passagem mais fácil para o planalto é justamente a que sai de Santos pelo vale do Cubatão, atingindo no alto da serra, os altos vales dos afluentes da margem esquerda do Tietê. Aqui a serra do Mar apresenta um colo que se baixa a 800 metros de altitude, enquanto a leste forma uma escarpa contínua com cumes que atingem mais de 1 500 metros e a oeste alarga-se consideravelmente por algumas dezenas de quilômetros, dificultando as comunicações. Por êsse colo seguem a estrada de rodagem e a São Paulo Railway, atual Estrada de Ferro Santos-Jundiá, ótima ferrovia, com grande tráfego de passageiros e mercadorias. Por elas se escoam quase tôda a produção do planalto.

Mais recentemente foi construída outra linha ferroviária, uma variante da Sorocabana, que de Mairinque atinge o pôrto de Santos.

Santos, o grande pôrto paulista

Graças a essa maior facilidade de comunicações com o planalto, onde se concentra tôda a vida econômica do estado, e à sua ligação direta com São Paulo, a capital paulista, importante centro industrial e ponto de partida das estradas de ferro e de rodagem que demandam o interior, Santos se desenvolveu como o mais importante e movimentado pôrto do litoral brasileiro, classificando-se entre os portos de categoria internacional de 1.^a classe, isto é, cujo movimento anual de mercadorias ultrapassa a cifra de 4 milhões de toneladas². O seu movimento anual de exportação e importação é o mais intenso em todo o Brasil.

A cidade de Santos localizada a noroeste da ilha de São Vicente é a primeira do estado, depois da capital, contando com uma população de 155 894 habitantes. Muitas indústrias se desenvolveram na cidade: a indústria do pescado é uma das principais com volumosa exportação diária para a capital e para o interior do estado. São numerosas também as fábricas de papel, anilinas, produtos químicos, bebidas, produtos alimentares, refinarias de açúcar, moinhos de trigo.

Santos é uma cidade de funções diversas: pôrto marítimo de trânsito intenso, mercado cafeeiro nacional, centro ativo de negócios, é também importante cidade balneária, graças às suas belas praias.

Ligada a São Paulo, a cidade de Santos funciona apenas como centro de exportação e importação dos diferentes produtos. O grande centro distribuidor é São Paulo; assim, as funções das duas cidades se completam.

É interessante êste desdobramento das funções, pois não é o que ocorre comumente no Brasil. Basta lembrar-se o exemplo do Rio de Janeiro em que a cidade funciona ao mesmo tempo como centro importador e distribuidor dos produtos e mercadorias. Tal fato ocorre em São Paulo, por se verificar a maior concentração da população no planalto e não no litoral, dadas as más condições naturais da estreita faixa litorânea paulista.

O maior adensamento da população no planalto impôs o estabelecimento "serra acima" do seu centro político, econômico e social, pois que o separava do mar uma barreira abrupta, acessível somente em alguns raros pontos. De modo que foi o relêvo do solo paulista que impôs êste desdobramento das funções entre Santos, ponto de articulação das comunicações com o exterior e São Paulo, nó de comunicações para o interior³.

Aliás êste fenômeno de cidades conjugadas, uma no litoral servindo de pôrto, outra no alto do planalto é bastante comum ao longo da serra do Mar desde o estado do Rio de Janeiro até o Paraná: São João Marcos — Mangaratiba; Cunha — Parati; São Luís do Paraitinga — Ubatuba; Paraibuna — Caraguatatuba; Curitiba — Paranaguá. Muitas destas ligações têm hoje apenas um valor histórico.

Entretanto, o sistema São Paulo — Santos adquire cada vez maior importância, devido não só à maior facilidade de comunicações nesta altura da

² CÉLIO CONDE LEITE "Terra Bandeirante", 1943.

³ CAIO PRADO JÚNIOR "Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo", Estudos Brasileiros, 1941.

serra, como também à excelência do pôrto de Santos, de ótimas condições naturais: barra profunda e abrigada e à posição privilegiada de São Paulo na borda do planalto.

O planalto de povoamento antigo

São Paulo, graças à sua situação geográfica, tornou-se desde cedo o centro da vida do planalto: o centro político e administrativo, econômico, social e cultural. De São Paulo irradiou-se o povoamento para todo o interior.

O fator primordial do desenvolvimento da cidade de São Paulo nos primeiros séculos da colonização foi a sua situação favorável como ponto de partida para a penetração tanto do norte como do leste e do oeste.

A região em que se instalou a cidade é pobre do ponto de vista dos solos ou da vegetação. Situa-se São Paulo numa bacia terciária flúvio-lacustre de solos argilosos e de vegetação raquítica. A agricultura não pôde tomar grande desenvolvimento em torno da capital, dada a pobreza dos solos. Só recentemente a horticultura como uma cultura intensiva está aproveitando extensas glebas até então desocupadas.

São Paulo foi nos três primeiros séculos da colonização o centro de onde partiram os povoadores dos sertões paulista, goiano, mineiro e matogrossense. Os caminhos de penetração dos primeiros povoadores partiram de São Paulo e ao longo dêles estabeleceu-se o povoamento que se fez assim em faixas radiais a partir de um centro comum⁴.

Para nordeste abre-se o caminho natural que põe em comunicação São Paulo com a capital da República: o vale do Paraíba.

Durante os primeiros séculos da colonização o vale do Paraíba tinha uma função quase que exclusiva de via de passagem. Por aí seguiam as bandeiras que utilizavam a via fluvial até Lorena ou Cachoeira, (Cachoeira Paulista) de onde atravessavam a Mantiqueira pela histórica garganta do Embaú, em demanda das riquezas auríferas e diamantíferas de Minas Gerais. Ao longo dêsse caminho estabeleceram-se pousos e pequenas roças para o abastecimento dos viajantes e suas tropas. Muitas das cidades do vale tiveram sua origem ou se desenvolveram, graças ao comércio do ouro.

Mais tarde, em meados do século XIX, a cultura do café tornou esta zona a mais rica e populosa do estado. Após algumas dezenas de anos de exploração a decadência da cultura cafeeira atingiu o vale: o esgotamento das terras trabalhadas por práticas agrícolas inadequadas e a migração da cultura para zonas mais novas e mais férteis ocasionou uma transformação da paisagem rural do vale. Os cafêzais foram substituídos pelas pastagens, desenvolvendo-se a criação do gado leiteiro. As fazendas de café transformaram-se em fazendas de gado ou em fazendas mistas, de lavoura e pecuária.

O despovoamento rural que se seguiu a essa transformação da economia fez com que as cidades passassem a contar com uma disponibilidade apreciável de mão de obra, constituída pelos habitantes rurais que para lá emigraram, dada a diminuição das atividades no campo.

⁴ CAIO PRADO JÚNIOR, obra citada.

Esta mão de obra barata e fácil possibilitou o desenvolvimento da indústria, cujo estímulo foi devido ainda à facilidade de comunicações pela estrada de ferro e de rodagem, que correm pelo vale, o qual constitui o eixo de comunicações São Paulo-Rio de Janeiro. A facilidade de importação da matéria prima e de exportação dos produtos manufaturados, bem como a proximidade dos dois grandes mercados consumidores: Rio de Janeiro e São Paulo, trouxeram um desenvolvimento notável à indústria em algumas cidades aí situadas como: Jacareí, São José dos Campos, Taubaté, Guaratinguetá, Lorena e Cruzeiro. Taubaté com 27 548 habitantes é a mais importante cidade industrial do vale.

A população rural concentrada de preferência ao longo do rio, não apresenta grande densidade. No entanto, nota-se um contraste grande em relação ao alto vale do Paraíba e dos seus formadores: Paraitinga e Paraíba. Aqui a população rural é ainda menos densa e as cidades apesar de bastante antigas são pequenos núcleos urbanos de menos de 2 000 habitantes. Devido à dificuldade de comunicações nesta zona serrana as cidades não puderam se desenvolver como as do médio vale do Paraíba.

Também u'a maior rarefação se nota na encosta meridional da Mantiqueira, rarefação esta que contrasta com a grande concentração da encosta ocidental. Aqui não só as cidades são mais importantes e numerosas, como também a população rural mais densa. Isto se deve, sem dúvida, ao fato da serra da Mantiqueira apresentar uma escarpa mais íngreme e altitudes muito maiores ao sul, o que torna sobremaneira difícil a sua ocupação e aproveitamento pelo homem.

Mais povoada que o vale do Paraíba aparece, portanto, a encosta ocidental da Mantiqueira e tôda a zona que se estende ao norte da capital paulista, onde se encontram as cidades de Jundiá, Bragança (Bragança Paulista), Amparo e outras.

Em fins do século XIX, o café era a principal riqueza da região. Atualmente, abandonada a monocultura cafeeira, a densa população de agricultores dedica-se a culturas variadas: algodão, laranja, eucalipto, uvas, figos, ou então, à criação intensiva de gado leiteiro.

Mais para oeste estende-se a depressão permiana que serviu nos séculos XVII e XVIII como via de passagem. Para o norte era o antigo "caminho dos guaianases", seguido pelas bandeiras que demandavam as minas de Goiás e para sudoeste pelos campos de Sorocaba e Itapetininga atingiam-se os campos de criação do Sul do país.

Numerosas cidades situam-se no contato da zona cristalina com a faixa permiana: Casa Branca, Moji-Mirim, Campinas, Itu, Sorocaba. Dentre elas destacam-se Campinas e Sorocaba, cidades fundadas ainda no início do povoamento, no século XVII, e que são hoje importantes cidades industriais.

Campinas, antigo pouso de bandeiras, situada à margem do caminho para Goiás, de próspero centro agrícola no século XIX transformou-se hoje numa importante cidade industrial, contando com numerosas fábricas de óleos vegetais, chapéus, tecidos, sabonetes, máquinas para a lavoura, englobando no total cerca de 190 estabelecimentos fabris⁵.

⁵ CÉLIO CONDE LEITE, obra citada.

O que contribui para o maior desenvolvimento da cidade é a sua posição de importante entroncamento ferroviário. Campinas é servida pela excelente linha eletrificada da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que de Jundiá vai até as barrancas do rio Grande. Daí partem ainda as linhas da Companhia Mojiana de Estradas de Ferro que vão até o Triângulo Mineiro e a zona Sul de Minas Gerais, escoando tôda a produção dessa rica zona agrícola. A Sorocabana também serve essa cidade pela linha ituana. A Estrada de Ferro Sorocabana pela sua variante de Mairinque, põe em comunicação com o pôrto de Santos tôda a extensa rêde ferroviária do interior paulista de bitola de metro.

Além de importante entroncamento ferroviário, Campinas é também servida por excelentes rodovias estaduais. Essa grande facilidade de comunicações tornou Campinas um importante mercado distribuidor de produtos para o interior paulista, por isso gozando de um comércio ativo e intenso, o que constitui uma das principais fontes de renda da cidade. Excluindo a capital, Campinas é a segunda cidade do estado com uma população de 77 779 habitantes.

Sorocaba localizada também nas proximidades da capital é a maior cidade industrial do estado excluindo-se Santo André, que estando localizada a sudeste de São Paulo constitui um prolongamento do seu parque industrial. Situada no início do antigo caminho que demandava o Sul do país, Sorocaba foi nos tempos do Brasil-Colônia sede de uma animadíssima feira de burros. Hoje a cidade constitui, antes de tudo, importante centro fabril contando 48 111 habitantes.

Aliás, Sorocaba é uma cidade pioneira no sentido das realizações industriais. Já em 1818, os altos fornos instalados em Ipanema por VARNHAGEN produziam ferro gusa. As primeiras fábricas de tecidos do estado foram aí instaladas em 1842. O seu parque industrial abrange perto de 200 estabelecimentos fabris⁶.

A indústria sorocabana destaca-se, sobretudo, no ramo da fiação e tecelagem. São ainda numerosas as fábricas de máquinas agrícolas, ferragens, óleos, bebidas, cimento, cal, curtumes, etc.

Em Ipanema, ainda no município de Sorocaba foi instalada por iniciativa do Ministério da Agricultura uma usina de aproveitamento da apatita, única no gênero no Brasil.

Depressão permiana

Penetrando-se para oeste, encontra-se a zona da depressão permo-carbonífera, de relêvo suave e igual, onde a concentração de população é bem menor. Esta faixa em forma de arco de círculo estende-se de Mococa a nordeste até Fartura e Itararé a sudoeste e como foi dito de início, separa nitidamente a zona cristalina, montanhosa, onde os vales orientaram o povoamento, da zona sedimentar do oeste, de relêvo tabular, em que o povoamento segue ao longo dos espigões.

⁶ CÉLIO CONDE LETTE, obra citada

É, sobretudo, na parte sudoeste da depressão que a rarefação da população rural é maior e as cidades menos importantes. Esta zona de terrenos pobres e arenosos é recoberta de campos, onde se faz criação extensiva de gado bovino. Itapetininga, Itararé e Itapeva são municípios que possuem aproximadamente mais de 30 000 cabeças de gado bovino.

Também no nordeste da depressão permiana, de Moji-Mirim a Mococa, onde domina a vegetação de cerrado ralo é importante a criação de bovinos, feita em grandes propriedades. Também aí a população rural se apresenta bastante rarefeita.

A parte central da depressão que se estende do rio Tietê ao rio Moji-Guaçu é a mais povoada, com algumas cidades bastante importantes. É, por excelência, a zona agrícola desta parte do estado. A agricultura é praticada nas manchas de "terra roxa", resultantes da decomposição de rochas eruptivas básicas que aí afloram.

Na região de Piracicaba, Capivari, Santa Bárbara, (Santa Bárbara d'Oeste), Cosmópolis, a cultura da cana tem grande importância e mesmo durante o apogeu da cultura cafeeira nos primeiros anos do século XX, ela nunca deixou de ser preponderante, mantendo-se a região fiel à sua cultura tradicional. Já em fins do século XIX, em 1896, Piracicaba e Capivari eram os dois maiores centros produtores de açúcar do estado e continuam ainda hoje como dois centros essencialmente açucareiros. Piracicaba possui 6 grandes usinas e cerca de 300 engenhos menores.

A cultura da cana adaptou-se bem aos seus solos arenosos, quando não era feita nas manchas de "terra roxa". Os pequenos engenhos e as grandes usinas modernas e bem equipadas trabalham incessantemente na época da safra.

No entanto, com a limitação imposta pelo govêrno, em dezembro de 1931, e controlada pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, a área cultivada com a cana nas grandes usinas foi bastante reduzida. Acrescentando-se a isso a decadência e a substituição dos cafêzais, duas outras culturas se desenvolveram: o algodão e a laranja, plantados geralmente nas terras arenosas. A produção de laranja é destinada quase exclusivamente à exportação. Mais para o norte, Limeira é o maior centro produtor e exportador de laranjas no interior paulista.

Dêste modo, esta parte central da depressão distingue-se das vizinhas por ser essencialmente policultora, com propriedades bastante divididas e uma numerosa população de lavradores. As únicas indústrias da região estão ligadas à produção agrícola local: usinas de açúcar e de álcool, engenhos, moinhos de farinha de milho ou de mandioca.

Na orla ocidental da depressão permiana importantes cidades alinham-se também na zona de contacto de duas regiões diferentes: a leste, a depressão de relêvo regular com suaves ondulações que não ultrapassam 500-600 metros recobertas de vegetação de campos e cerrados e a oeste o planalto de arenito e efusivas básicas, com grandes fazendas de café. São elas: Piracicaba (31 923 habitantes), Rio Claro (23 322 habitantes), Araras (7 282 habitantes), Piraçununga (10 050 habitantes).

Planalto ocidental

Para oeste da depressão permiana ergue-se o planalto ocidental, que se apresenta bastante povoado e com grande número de cidades, apesar do seu mais recente desbravamento.

No alto planalto as maiores concentrações de população rural encontram-se justamente nas manchas de "terra roxa", onde a cultura cafeeira teve grande desenvolvimento: isto se observa nas proximidades de Jaú, Jabuticabal e Ribeirão Preto.

No início do século XX na direção oeste e noroeste o povoamento se estendia somente até Orlândia, Jabuticabal, Jaú, Agudos, limitando-se a zona povoada ao alto planalto ocidental, em que as cotas variam de 600 a 900 metros. Para oeste estendiam-se vastas regiões de matas que apareciam nos mapas como "sertão desconhecido habitado por índios". O café na sua investida para o norte e o oeste se detivera na borda oriental do planalto.

Nessa zona de exploração relativamente recente (segunda metade do século XIX) destaca-se a cidade de Ribeirão Preto com 46 946 habitantes, a metrópole do café. Embora hoje a cultura cafeeira tenha-se deslocado para oeste em busca de terras virgens, continua a ser Ribeirão Preto um dos mais importantes centros de produção de café fino, havendo no município ainda cerca de 20 milhões de pés.

A cidade tem também uma destacada função industrial, sobressaindo entre as maiores fábricas as duas importantes cervejarias: Companhia Antártica Paulista e Companhia Cervejaria Paulista. Esta zona teve grande importância como produtora de café em fins do século XIX, sendo servida pelas linhas da Mojiana e Paulista

* * *

Somente a partir dos primeiros anos do século atual é que se fez o desbravamento e a ocupação do sertão dos afluentes do Paraná.

A ocupação dêsse extenso planalto que se inclina suavemente para o vale do Paraná se fez pelos espigões, sendo perfeitamente visíveis no mapa, as faixas de povoamento que se estendem ao longo dêles numa ocupação linear. Fatores diversos se conjugam tornando mais favorável ao estabelecimento do homem o alto dos divisores: solos mais férteis, derivados da decomposição dos arenitos superiores Bauru, com cimento calcário; maior salubridade no alto dos espigões, em contraste com o fundo dos vales, onde grassa a malária endêmica; maior facilidade de construção e conservação das estradas, tanto de rodagem como de ferro, dada a topografia tabular dêsses espigões.

Dêste modo, o povoamento em faixas paralelas se adensou ao longo das vias férreas de penetração: a Alta Sorocabana entre o Paranapanema e o rio do Peixe, estendendo suas linhas até Pôrto Epitácio, na margem do Paraná; a Alta Paulista, entre o Peixe e o Aguapeí, indo de Bauru a Tupã; a Noroeste, entre o Aguapeí e o Tietê, que vindo de Bauru atravessa o rio Paraná e penetra em Mato Grosso; e finalmente no norte a Araraquarense entre o rio Turvo e o São José dos Dourados. É preciso frisar que em São Paulo a es-

trada de ferro não precedeu mas acompanhou de perto o povoamento, exceto no caso da Noroeste do Brasil, construída em 1905 com fins estratégicos.

Apesar de ser uma zona de ocupação recente, de menos de cinquenta anos, já apresenta densidades de população comparáveis às da zona cristalina de ocupação antiga de alguns séculos. Assim é que os municípios de Marília e de Vera Cruz, fundados depois de 1920 têm uma densidade de população, respectivamente de 66,23 e 67,16 habitantes por quilômetro quadrado, comparável por exemplo a Jundiá (63,75) já de mais de dois séculos de vida.

Colonos e lavradores das regiões velhas abandonam as antigas fazendas de café do leste, atraídos pela possibilidade de maiores lucros nas ricas fazendas do oeste. Numeroso também é o contingente de trabalhadores agrícolas vindos, sobretudo, de Minas Gerais, da Bahia e dos estados do Nordeste.

Foi na primeira década do século XX que se iniciou a conquista deste sertão. Foi o café que o desbravou e povoou. A extensão da cultura cafeeira, mais o progresso das vias férreas tiveram como resultado o povoamento e a valorização das extensas glebas do planalto ocidental.

Num movimento pioneiro dos mais ativos praticamente todo o oeste do estado foi ocupado, permanecendo ainda inexplorado somente o vale do rio Paraná com sua densa vegetação de matas e o baixo vale dos seus afluentes.

Até a crise de 1929, a grande fazenda de café foi que abriu este sertão à colonização. Ainda em 1935, o café era quase o único produto destas zonas novas. Atualmente outras culturas ou outras formas de atividade econômica adquirem grande importância, como a plantação do algodão e a engorda de gado nas vizinhanças de Rio Preto (São José do Rio Preto) ou de Marília e a exploração madeireira na Alta Sorocabana.

A pequena ou média propriedade, inexistente nas primeiras décadas do povoamento, (início do século XX) com suas culturas de arroz, milho, algodão, café, estendem-se pela variante da Noroeste, atual linha-tronco, em Andradina, Valparaíso ou na zona de Rio Preto, de Mirassol e na Alta Sorocabana em Santo Anastácio e Presidente Venceslau. A frente pioneira adquire assim um aspecto diferente do que apresentava há alguns decênios atrás, com suas grandes fazendas de café.

Diversas cidades se destacam por sua importância como capitais regionais no noroeste paulista. Destas a mais importante é, sem dúvida, Bauru, graças à sua posição geográfica no entroncamento ferroviário que dá acesso a duas zonas das mais ricas e prósperas da região: a Noroeste e a Alta Paulista. Pela Estrada de Ferro Sorocabana a cidade se põe em comunicação com São Paulo. O grande desenvolvimento comercial de Bauru deve-se à sua posição de entroncamento e o ano de 1905, data da chegada da Sorocabana com seus trilhos à cidade, marca o início de seu desenvolvimento acelerado. Com a chegada da Paulista em 1910 e a construção da Noroeste, o progresso de Bauru se acentuou.

A cidade conta com uma população de 32 796 habitantes. Além da intensa vida comercial anima-a também apreciável atividade industrial com suas fábricas de óleos vegetais, máquinas beneficiadoras de café, algodão, arroz, além da Indústria Fiação Matarazzo. É a capital regional de uma vasta região.

Na linha da Noroeste distinguem-se Lins (16 897 habitantes) e Araçatuba (16 903 habitantes), importantes centros cafeeiros.

Na Alta Paulista, Marília é o exemplo típico da cidade proveniente do movimento pioneiro iniciado no comêço do século XX e do qual resultou o povoamento do noroeste paulista. Resultou, a cidade da fusão de três patrimônios vizinhos. Fundada em 1926, já em 1940 contava com uma população de 24 473 habitantes, crescimento verdadeiramente extraordinário. Estando situada numa próspera zona agrícola constitui importantíssimo centro exportador de algodão e de café. O seu comércio é bastante ativo; a atividade industrial da cidade, apesar de nova, apresenta-se muito promissora, contando já com numerosos estabelecimentos fabris, quer de produtos alimentares, ou então fábricas de fiação e serrarias. A sua zona de influência é muito grande.

Na Sorocabana é Presidente Prudente, também cidade nova (1917) a capital regional. É uma cidade florescente com uma indústria que começa a se desenvolver. Em 1940 tinha uma população de 12 637 habitantes.

Rio Prêto na Araraquarense se destaca no norte do estado com uma vastíssima zona de influência que se estende para o norte até o rio Grande e para ocidente até as barrancas do rio Paraná em Pôrto Presidente Vargas (antigo Pôrto Tabuado). Com uma população de 23 972 habitantes é a capital regional da Alta Araraquarense. Suas atividades industriais estão ligadas, principalmente, ao aproveitamento e beneficiamento de produtos agrícolas e pastoris: máquinas beneficiadoras de arroz, café, algodão, curtumes, laticínios, fábricas de conservas de carne e de óleos vegetais.

Zona de Barretos

No norte do estado, nas proximidades do rio Grande tem que ser destacada do conjunto, a zona de Barretos. Nota-se uma rarefação da população nos municípios de Guaíra, Morro Agudo e Barretos, no baixo vale do rio Pardo.

Desenvolve-se aí uma das mais importantes zonas de engorda de gado do Brasil. O gado magro trazido do sul de Goiás, de Mato Grosso, do Triângulo Mineiro adquire pêso e qualidade nas ricas invernadas da zona. Êste gado é consumido pelos grandes matadouros e frigoríficos, situados na cidade de Barretos, que assim se tornou o mais importante mercado de gado gordo do país.

A criação e engorda de gado, atividade que não requer pessoal numeroso explica a baixa densidade da população na zona.

* * *

As cidades tôdas da Noroeste, apesar de muito novas, as mais antigas tendo pouco mais de meio século, têm uma vida intensa, um comércio próspero e população sempre crescente.

As diferentes zonas da Noroeste mantêm entre si uma certa independência, estando, porém, ligadas a São Paulo, ponto de entroncamento de todo o sistema de viação férrea bandeirante.

São Paulo, capital do estado

São Paulo é realmente o centralizador de toda a atividade do estado. É não só o centro político e administrativo, como também o grande centro econômico e cultural. Por sua situação geográfica, localizado como está na zona central, na chave das comunicações participa de todos os surtos econômicos do estado, decorrendo em grande parte dessa situação o seu progresso ininterrupto.

Como diz muito bem CAIO PRADO JÚNIOR, a região da capital é o nó onde se articulam todas as vias de comunicação e para onde se volta a vida do estado⁷.

No entanto, o considerável progresso da cidade nas últimas décadas deve-se, sobretudo, ao desenvolvimento extraordinário de sua indústria. O grande desenvolvimento do parque industrial da cidade de São Paulo, deve-se, principalmente, ao fato de ser a cidade, chave de comunicações tanto para o interior, para onde escoam grande parte dos produtos manufaturados, como para o litoral, para o porto de Santos, que importa a matéria prima e os maquinismos, destinados às fábricas e exporta parte de sua produção, destinada a outros mercados nacionais e ao estrangeiro.

O outro fator primordial do grande desenvolvimento da indústria paulistana foi a facilidade de obtenção de energia elétrica. O problema da energia em São Paulo foi em parte resolvido com a construção da grande represa da Light no Alto da Serra, pela captação dos cursos d'água que irrigam esse trecho da serra do Mar.

Quanto ao extraordinário desenvolvimento demográfico da cidade temos que ressaltar a importância das correntes imigratórias; numerosos elementos se fixaram na capital, possibilitando deste modo o desenvolvimento das indústrias pela abundância de mão de obra.

Dentre as empresas industriais mais importantes de São Paulo destaca-se a S.A. Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, fundada em 1881 e que é hoje a maior organização industrial privada da América Latina⁸. Possui fábricas nos mais variados ramos industriais: moinhos de trigo, fábricas de óleo de caroço de algodão, de côco, de amendoim, fábricas de sabão, sabonete, perfume, louças, papel, produtos químicos, banha, fiação, tecelagem, refinarias de sal e de açúcar.

As zonas industriais da cidade de São Paulo estendem-se a sudeste na direção de Santo André e a noroeste na direção de Osasco⁹. Seguramente a facilidade de comunicações foi fator importante no desenvolvimento industrial destes setores. Para sudeste é ao longo da São Paulo-Railway que se sucedem as fábricas de São Caetano à cidade de Santo André que possui perto de 300 estabelecimentos industriais. Para noroeste a região de Osasco é servida pela Estrada de Ferro Sorocabana. Apesar do seu parque industrial ser

⁷ CAIO PRADO JÚNIOR, obra citada.

⁸ CÉLIO CONDE LEITE, obra citada.

⁹ AROLDI DE AZEVEDO "Os subúrbios de São Paulo e suas funções" Bol. Ass. Geog. Bras., n.º 4, 1944.

menos rico e variado que o de Santo André, não deixa de ser também bastante importante.

O grande centro urbano de São Paulo contava pelo recenseamento de 1940, uma população de 1 258 482 habitantes.

A necessidade do abastecimento dessa grande metrópole trouxe como conseqüência o aproveitamento e a valorização das terras circunvizinhas, apesar da má qualidade dos solos, pois que como já foi dito anteriormente, a cidade de São Paulo está situada numa bacia terciária de solos pobres e argilosos. Dêsse modo, num tipo de cultura intensiva se desenvolveram em tôrno da capital zonas agrícolas de importância, trabalhadas, sobretudo, por colonos de origem estrangeira. As zonas abastecedoras de São Paulo em verduras, legumes, frutas e flores situam-se, sobretudo, a leste (São Miguel, Itaquera, Poá, Itaquaquecetuba) e a sudoeste (Itapeçerica, Cutia.)

São numerosas nessas zonas as granjas leiteiras e agrícolas, as chácaras e os sítios.

As diferentes zonas agrícolas se especializaram: em Cutia a cooperativa agrícola aí instalada por colonos japoneses se dedica, sobretudo, à cultura de batatas e de tomates. A leste é a zona hortense com suas plantações de verduras e legumes em Itaquaquecetuba e Moji das Cruzes, de flores em Guarulhos e de frutas na serra da Cantareira. Aqui predominam colonos espanhóis e portugueses.

A zona de influência da cidade de São Paulo restringe-se ao norte, por causa da serra da Cantareira e ao sul pela serra do Mar. Nestas duas direções se desenvolveram, sobretudo, os subúrbios residenciais. Para o sul, na região de Santo Amaro desenvolveu-se uma importante zona de *week-end* dos habitantes da capital, depois da construção das represas de Santo Amaro e do Rio Grande. As numerosas chácaras particulares, as casas confortáveis e modernas, os clubes de esporte, os restaurantes atestam a importância dessa zona na sua função recreativa e residencial.

Também para o norte, na região da Cantareira em Tremembé, Hôrto Florestal, Cantareira, desenvolveu-se uma zona residencial e de veraneio, graças ao seu clima saudável, excelente água e aos seus aspectos pitorescos. São numerosas as chácaras residenciais, os hospitais e os sanatórios¹⁰.

Pode-se observar no mapa em estudo como é grande a concentração da população rural em tôrno da capital paulista, sobretudo, nos setores noroeste, sudoeste, sudeste e nordeste, por onde, como foi visto, estendem-se as principais zonas de abastecimento do centro urbano ou, então, os seus subúrbios industriais.

No entanto, a zona de influência econômica de São Paulo é muito mais vasta, estendendo-se a todo o estado e mesmo a certas regiões dos estados limítrofes, como o Triângulo Mineiro, o sul de Mato Grosso e de Goiás e o norte do Paraná.

São Paulo no planalto não só funciona como centro distribuidor dos produtos e mercadorias importadas, como concentra tôda a produção destinada

¹⁰ AROLDI DE AZEVEDO, obra citada.

à exportação por via marítima, graças à sua situação excepcional no entroncamento do sistema de comunicações bandeirante.

Conclusão

O estado de São Paulo com uma alta densidade de população, 29,04 habitantes por quilômetro quadrado, engloba cêrca de 17,41% da população total do Brasil.

O crescimento de sua população desde o início do século foi realmente extraordinário. Basta dizer que pelo recenseamento de 1890 a população paulista representava apenas 9,66% do total do país, porcentagem bastante inferior à de outros estados brasileiros, como Minas Gerais e Bahia (22,21% e 13,39% respectivamente). Enquanto êsses estados viram essa porcentagem diminuída para 16,34 em Minas e 9,50 na Bahia, segundo o recenseamento de 1940, São Paulo acusou um aumento de 7,75%, o maior de todo o país.

Êste notável crescimento demográfico de São Paulo, devido, sobretudo, à imigração de elementos alienígenas ou de nacionais de outras unidades da Federação, deve-se ao extraordinário desenvolvimento do seu parque industrial, ao aproveitamento agrícola e à valorização progressiva de suas terras, primeiro pela cultura do café e hoje por diversos outros produtos agrícolas, como ficou exposto no trabalho.

* * *

Ê grande em São Paulo o movimento de ocupação e aproveitamento das terras, quer das zonas novas, como a noroeste, como das zonas de ocupação já bastante antigas, mas até há pouco desocupadas, como as terras pobres circunvizinhas da capital ou a zona pouco salubre do litoral sul, a baixada do Ribeira de Iguape.

Dêste modo, o estado todo se apresenta bastante povoado, sendo que sòmente a escarpa da serra do Mar, aparece como uma faixa desocupada, dada a sua inacessibilidade e a sua densa vegetação de mata tropical e, no limite com Mato Grosso, nas margens do Paraná e no baixo vale dos seus afluentes, sobretudo, do Paranapanema para onde ainda avança o povoamento, aparecem terras por ocupar.

De modo geral, todo o estado apresenta-se com uma população relativamente densa, não havendo grandes vazios demográficos.

Quanto à distribuição da população o que se pôde verificar no estado de São Paulo foi a influência preponderante do relêvo: na zona cristalina, de relêvo montanhoso e de vegetação de matas foram os vales, pela maior facilidade de penetração, que orientaram o povoamento; a depressão permocarbonífera de relêvo regular, apresentando-se desde o início da colonização como um caminho natural e fácil, foi desde cedo ocupada; dadas suas condições mais propícias ao desenvolvimento da pecuária aparece hoje com uma população pouco densa.

Na zona sedimentar de oeste, o relêvo tabular orientou o povoamento pelos espigões, pela maior facilidade de circulação. Aqui, entretanto, como

foi visto, outros fatores tiveram também influência marcante: como a ocupação desta zona, em época recente, foi feita visando quase exclusivamente a exploração agrícola, foram naturalmente os terrenos mais férteis e, neste caso, os dos altos dos divisores, os primeiros ocupados. Além disso, a maior salubridade dos espigões foi outro fator importante de sua ocupação.

É necessário ressaltar mais uma vez aqui o importante caráter urbano que assume a população no estado de São Paulo, caráter este que o distingue fundamentalmente dos demais estados brasileiros.

Observa-se também que as vias de comunicação se instalando onde as condições naturais eram mais propícias à sua construção, contribuíram para um adensamento maior da população rural e das cidades ao longo dos vales na zona cristalina e no alto dos espigões na zona sedimentar.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- DENIS, Pierre — “Amérique du Sud: Le Brésil” Géographie Universelle. Tome XV, 1ère Partie. 210 pp., 36 figuras, 64 fotografias. Librairie Armand Colin. Paris, 1927.
- LEITE, Célio Conde — “Terra Bandeirante” 168 pp., 24 fotografias. Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” Ltda. São Paulo, 1943.
- MILLIET, Sérgio — “Roteiro do café e outros ensaios” 190 pp., 9 gráficos, 7 mapas, 5 fora do texto. Coleção Departamento de Cultura. Vol. XXV. São Paulo, 1939.
- MONBEIG, Pierre — “Ensaio de Geografia Humana Brasileira”. 292 pp., 11 fotografias fora do texto. Livraria Martins. São Paulo, 1940.
- PRADO JÚNIOR, Caio — “Formação do Brasil Contemporâneo” 388 pp., 2.ª edição. Editora Brasiliense Ltda. São Paulo, 1945.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de — “Viagem à Província de São Paulo”. Tradução e prefácio de Rubens Borba de Morais. 375 pp. Biblioteca Histórica Brasileira. Livraria Martins. São Paulo, 1945.
- SCHMIDT, Carlos Borges — “Paisagens rurais — O Paraíba e o Paraitinga — A Paranapiacaba e o Ribeira de Iguape”. 38 pp., 42 fotografias fora do texto. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria de Publicidade Agrícola. São Paulo, 1944.
- SETZER, José — “Os Solos do Estado de São Paulo”. 387 pp., 72 fotografias, 12 diagramas, 46 tabelas, 6 mapas fora do texto. Biblioteca Geográfica Brasileira. Publicação n.º 6 da Série A “Livros” Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 1949.
- Sem autor — “O Estado de São Paulo Físico, Político, Econômico, Administrativo”. 500 pp. 274 ilustrações. Sem data.

Periódicos

- ARAÚJO Filho, J. R. de — “Andradina” Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros, ano III, n.º 3, novembro de 1943. Pp. 59-63, 4 fotografias. São Paulo.

- AZEVEDO, Aroldo de — “O vale do Paraíba” Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. V. Pp. 573-587. 7 fotografias, 5 mapas, 2 gráficos.
- AZEVEDO, Aroldo de — “Os subúrbios de São Paulo e suas funções” Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros, n.º 4, maio de 1944. Pp. 59-69, 6 figuras. São Paulo.
- BARROS, Romualdo M. de — “A região de Ribeirão Preto” Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros, n.º 4, maio de 1944. Pp. 83-90. 1 figura. São Paulo.
- BORBA DE MORAIS, Rubens — “Contribuição para a história do povoamento em São Paulo até fins do século XVIII”. Boletim Geográfico, ano III, n.º 30, setembro de 1945. Pp. 821-829.
- CANABRAVA, Alice Piffer — “A região de Piracicaba” Revista do Arquivo Municipal. Ano IV, vol. XLV, março de 1938. Pp. 275-328, 3 mapas, 1 planta. São Paulo.
- DEFFONTAINES, Pierre — “Regiões e paisagens do estado de São Paulo” Boletim Geográfico, ano II, março de 1945, n.º 24. Pp. 1837-1850. Ano III, abril de 1945, n.º 25. Pp. 18-27.
- DEFFONTAINES, Pierre — “O Paraíba, estudo de rio no Brasil” Boletim Geográfico, ano III, setembro de 1945, n.º 30. Pp. 830-835.
- DIAS DA SILVEIRA, João — “A zona de Amparo e suas vizinhanças” Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia. Vol. V. Pp. 604-630, 22 fotografias, 2 mapas, 4 cortes. Rio de Janeiro, 1944.
- JAMES, Preston — “As terras cafeeiras do Brasil Sudeste” Boletim Geográfico. Ano III, agosto de 1945, n.º 29. Pp. 701-716, 10 figuras.
- LECOQC, Nice Magalhães — “Exploração da madeira na Alta Sorocabana” Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. IV. Pp. 691-708, 6 figuras. Rio de Janeiro, 1944.
- MATOS, Odilon Nogueira — “A evolução ferroviária de São Paulo” Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. IV. Pp. 556-568. Rio de Janeiro, 1944.
- MENDES, Renato Silveira — “As estradas de rodagem do estado de São Paulo” Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. IV. Pp. 591-601. Rio de Janeiro, 1944.
- MONBEIG, Pierre — “Comentário em torno do mapa da evolução da população do estado de São Paulo entre 1934 e 1940, (por município)”. Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Ano III, novembro de 1943, n.º 3. Pp. 42-48. São Paulo.
- MONBEIG, Pierre — “Notas relativas à evolução das paisagens rurais no estado de São Paulo” Boletim Geográfico. Ano II, julho de 1944, n.º 16. Pp. 428-430.
- MONBEIG, Pierre — “Mapas de densidade da população do estado de São Paulo” 24.^a tertúlia realizada a 29 de junho de 1943. Boletim Geográfico. Ano I, novembro de 1943, n.º 8. Pp. 105-109.
- MONBEIG, Pierre — “Algumas observações sobre Marília, cidade pioneira do estado de São Paulo”. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. III. Pp. 609-614, 4 fotografias. Rio de Janeiro, 1944.
- MONBEIG, Pierre — “A Alta Paulista e a Alta Araraquarense: duas regiões novas paulistas”. 123.^a tertúlia realizada a 30 de abril de 1946. Boletim Geográfico. Ano IV, julho de 1946, n.º 40. Pp. 466-469.

- PASCHOALICH, Romeu — “Uma ferrovia paulista: a Sorocabana” Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. IV. Pp. 681-690. Rio de Janeiro, 1944.
- PAULA SOUSA, Antonieta de — “Expansão da citricultura no estado de São Paulo” Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. IV. Pp., 721-731. Rio de Janeiro, 1944.
- PRADO JÚNIOR, Caio — “O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo” Boletim Geográfico. Ano III, outubro de 1945, n.º 31. Pp. 920-931, 1 mapa, 1 gráfico.
- PRADO JÚNIOR, Caio — “Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo” Estudos Brasileiros. Ano III, vol. 7, 1941. Pp. 195-221, 3 mapas fora do texto.
- PRADO JÚNIOR, Caio — “Distribuição da propriedade fundiária rural no estado de São Paulo” Boletim Geográfico. Ano III, agosto de 1945, n.º 29. Pp. 692-700, 1 mapa.
- SETZER, José — “Algumas contribuições geológicas dos estudos de solos realizados no estado de São Paulo” Separata da Revista Brasileira de Geografia, n.º 1, ano X, 1948. 104 pp, 14 figuras, 4 tabelas.
- VICENTE DE CARVALHO, Maria Conceição — “O progresso da cultura e do comércio da banana no litoral paulista”. Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. IV. Pp. 669-675. Rio de Janeiro, 1944.
- VICENTE DE CARVALHO, Maria Conceição — “O pôrto de Santos” Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. IV. Pp. 709-720, 2 figuras. Rio de Janeiro, 1944.

Mapas

“Carta Geral do Estado de São Paulo”

Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo.
Organizada pelo Instituto Geográfico e Geológico.
Escala 1:1 000 000
1941

“Carta Geológica do Estado de São Paulo”

Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo.
Organizada pelo Instituto Geográfico e Geológico
Escala 1:1 000 000
1947

“Carta Hipsométrica do Estado de São Paulo”

Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo.
Organizada pelo Instituto Geográfico e Geológico
Escala 1:1 000 000
1943

“Densidade da População do Brasil em setembro de 1940”

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Conselho Nacional de Geografia
Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica
Secção de Estudos Geográficos
Escala 1:4 000 000

RÉSUMÉ

Dans ce travail, l'auteur présente une carte de la distribution de la population de l'État de São Paulo, en utilisant les données du recensement de 1940 et fait des considérations à propos des facteurs qui exercent une influence sur la dite distribution. L'auteur attire l'attention, tout d'abord, sur l'importance de la population urbaine qui représente 44% du total, proportion assez élevée si on la compare à celle des autres États de la Fédération.

La distribution de la population de l'État de São Paulo a deux aspects distincts: celui de la région de l'est et du sud, zone cristalline, très accidentée, où la pénétration de la population s'est faite suivant les vallées et la concentration, aussi bien de la population rurale que de l'urbaine, se vérifie de préférence. Dans la région sédimentaire, située au nord et à l'ouest de l'État, avec son relief peu accidenté, ce sont les collines qui ont orienté le peuplement. Plusieurs facteurs ont déterminé cet aspect démographique: une plus grande facilité pour les transports en suivant les diviseurs d'eau, une plus grande salubrité et une meilleure qualité des sols en relation aux sols des fonds des vallées.

L'auteur montre encore que ces deux zones distinctes sont séparées par une aire de peuplement moins dense qui correspond nettement à la dépression permocarbonifère, qui possède des sols sablonneux et pauvres, couverts de champs et d'arbustes, formant un croissant qui s'étend depuis Mococa et Cara Branca vers le nord jusqu'à la ville de Capão Bonito et vers le sud-ouest jusqu'à Itararé.

Une étude de l'aspect démographique des différentes régions de l'État est faite, ensuite, par l'auteur. Il montre combien le littoral est peu habité, en vertu des conditions naturelles précaires: grande proximité de la Serra do Mar et grande difficulté des communications avec le plateau à travers l'escarpe de la Serra. L'escarpe, elle-même, n'a presque pas d'habitants, à cause de sa grande déclivité et de la dense forêt qui la recouvre.

L'étude de la distribution de la population sur le plateau, de peuplement ancien, est faite ensuite par l'auteur, en faisant une distinction entre la vallée du Paraíba et les versants de la Mantiqueira. Il étudie, après, la dépression perméenne, aire de peuplement peu dense, et le plateau occidental, région de récente occupation et assez habitée.

L'auteur fait, en finissant son travail, des considérations sur l'importance de la ville de São Paulo, grand centre administratif, économique et culturel, tout en explicant son grand développement démographique.

Comme conclusion finale, l'auteur fait ressortir la grande augmentation démographique de l'État de São Paulo et les facteurs qui ont déterminé la distribution de sa population: le relief, la qualité des sols, la végétation et le tracé des voies de communication.

RESUMEN

El autor presenta un mapa de distribución de la población referente al Estado de São Paulo, hecho con datos del Censo de 1940, y examina los factores que han determinado esta distribución. Muestra que la población urbana comprende aproximadamente 44% del total, proporción bastante grande en relación con la de los demás Estados brasileiros.

Muestra también que la distribución de la población del Estado presenta dos aspectos distintos: en la parte leste y sur, en la zona cristalina bastante accidentada, la penetración siguió los valles; ahí se concentran no sólo la población rural como también la urbana.

En la región situada a oeste y norte del Estado, los movimientos demográficos son influenciados por factores diversos, como sean: circulación más fácil por lo alto de los divisores, la salubridad y la calidad excelentes de sus suelos, con relación a los terrenos del fondo de los valles.

Estas zonas distintas están separadas por una faja de poblamiento menos densa, que corresponde netamente a la depresión permo-carbonífera de suelos arenosos y pobres, cubiertos por "campos cerrados" y que en forma de creciente se extiende de Mococa y Casa Branca, a nordeste, hasta Capão Bonito y Itararé a suroeste.

Se estudia el aspecto demográfico de las varias regiones del Estado de São Paulo. Destaca que la escasez de poblamiento a lo largo del litoral tiene como causas sus precarias condiciones naturales: gran proximidad de la sierra del Mar y dificultad de comunicaciones con el planalto interior a través de la pendiente de la sierra la cual se presenta casi despoblada debido a su enorme declividad y existencia de la mata que la cubre.

El autor estudia también la distribución de la población en el planalto de poblamiento antiguo, distinguiendo el valle del Paraíba y las pendientes de la Mantiqueira. Se hace después el estudio de la depresión permiana, área de poblamiento poco denso, y del planalto occidental, zona de ocupación reciente y bastante poblada.

El autor considera la importancia de la ciudad de São Paulo, gran centro administrativo, económico y cultural y explica su extraordinario desarrollo demográfico.

Concluye salientando el gran crecimiento demográfico del Estado de São Paulo y los factores que han influenciado la distribución de su población, como sean: el relieve, la calidad de los suelos, la vegetación y el trazado de las vías de comunicaciones.

SUMMARY

In the present paper the author presents a map of the distribution of the population in the state of São Paulo. This map uses elements obtained from the 1940 census and the author comments the various factors which influenced the distribution found.

He emphasizes the importance of urban population, with 44% of the total, an appreciable proportion compared to the other states.

The author, furthermore, points out two distinct aspects of population in the state: in the eastern and southern parts — in the chrystalline zone — the penetration was made accompanying the valleys and both urban and rural population are there concentrated, preferably.

Within the sedimentary region, to the west and north of the state, where topography is rather gentle, the divides oriented the peopling. Various factors determine this demographic pattern: greater facility of circulation, over water divides, greater salubrity and qualities of the soils in relation to the ones found in valley bottoms.

The author points out, then, that these two distinct zones are separated by a lesser populated area which corresponds to the permo — carboniferous depression; in this area soils are weak and sandy, covered by "campos cerrados" (savana — like formation); this zone goes from Mococa and Casa Branca in the northeast, to Capão Bonito and Itararé in the southwest.

The author then studies the demographic aspect of the population along the littoral due to adverse natural conditions: the proximity of the "Serra do Mar" (Sea range) and the

difficulty of communications with the hinterland through the slopes of the range. The scarpment itself is almost depopulated due to its steepness and to the dense forest which covers its slopes.

A study of the distribution of the population in the plateau is then made, distinguishing the Paraíba valley and the slopes of the Mantiqueira range. The author analyses the perian depression where a thin peopling is notable and the eastern plateau, a zone of recent settlement and where a fairly large density is found.

The author ends his paper by commenting the importance of the city of São Paulo, a large administrative, economical and cultural center, explaining its extraordinary demographic development. In his conclusion the author emphasizes the demographic growth in the state of São Paulo and the factors which influenced the distribution of this population: relief, the quality of soils, vegetation and the pattern of communications.

ZUSAMMENFASSUNG

In der vorliegenden Abhandlung untersucht der Verfasser eine Karte der Verbreitung der Bevölkerung im Staat *São Paulo*, nach den Angaben des Census von 1940 hergestellt, und macht dabei einige Betrachtungen über die Faktoren die zu dieser Verteilung beigetragen haben. Er betont erstens die Wichtigkeit der Städtebevölkerung die ungefähr 44% der Gesamtzahl einnimmt, ein verhältnismässig hoher Wert in Vergleich mit den anderen Einheiten des Bundes.

Der Verfasser deutet darauf hin dass die Bevölkerungsverteilung im Staat zwei verschiedene Merkmale darzeigt: im östlichen und südlichen Teil, dass ein stark bewegtes kristallines Gebiet umfasst, übte sich die Eindringung längs der Flusstäler aus, und sowie die Land- wie die Stadtbevölkerung zeigt sich hier mit Vorzug dichter.

Im sedimentaren Gebiet, dass sich westlich und nördlich mit einem saften Relief ausdehnt, haben die Wasserscheiden die grösste Rolle gespielt. Verschiedene Faktoren haben dieses demographische Panorama vorgebracht und zwar: eine bessere Verbindungsmöglichkeit längs der Wasserscheiden, bessere Gesundheitsverhältnisse und bessere Ackerböden im Vergleich mit denen der Talsohlen.

Der Verfasser zeigt weiter dass diese zwei deutlich verschiedene Zonen durch einen Streifen von gering bewohnten Landes getrennt sind. Dieser Streifen, der sich in Halbmondform von *Mococa e Casa Branca* im nordosten, bis *Capão Bonito* und *Itararé* nach südwesten ausbreitet, entspricht deutlich der permischen Vertiefung, mit sandigen unfruchtbaren Boden von "campos cerrados" (Savannen) bedeckt.

Weiter untersucht der Verfasser die demographischen Zustände der verschiedenen Gebiete des Staates. Er deutet auf die geringe Bevölkerung längs des Küstengebietes in Ursache der ungünstigen natürlichen Verhältnisse: die Anwesenheit der Gebirgskette der *Serra do Mar* die ein Hindernis zur Verbindung mit den inneren Hochland darstellt. Der Gebirgshang selbst ist kaum bewohnt in Ursache der zu steilen Hänge und der dichten Waldecke die ihm bedeckt.

Die Verteilung der Bevölkerung im altbewohnten Hochland wird untersucht und dabei das Paraíba-Tal und den Osthang der *Mantiqueira* betrachtet. Weiter wird die permische Vertiefung, eine gering bewohnte Fläche, und das abendländliche Hochland, ein verhältnismässig und noch vor kurzer Zeit bewohntes Gebiet, untersucht.

Zum Schluss betätigt sich der Verfasser mit einigen Betrachtungen über die Wichtigkeit der Bundeshauptstadt São Paulo, ein beträchtliches verwaltungsgeschäftliches und kulturelles Zentrum, und erklärt dabei sein demographisches Wachstum.

Als Schlussfolge betont der Verfasser das grosse demographische Wachstum des Staates São Paulo und die Faktoren die auf die Bevölkerungsverteilung mit Vorzug beeinflusst haben: das Relief, die Bodenverhältnisse, die Pflanzendecke und die Ausdehnung des Verbindungsnetzes.

RESUMO

En ĉi tiu artikolo la aŭtoro prezentas mapon de distribu de la loĝantaro en ŝtato São Paulo, ellaborita per donitaĵoj el la Popolnombro de 1940, kaj faras konsiderojn pri la faktoroj, kiuj havas influon sur tiun distribuon. Komence li reliefigas la gravecon de la urba loĝantaro, kiu enhavas de la tuto ĉirkaŭ 44%, proporcio tre konsiderinda, se oni ĝin komparas kun tiu de la ceteraj ŝtatoj de la Federacio.

La aŭtoro montras, ke la distribu de loĝantaro en la ŝtato prezentas du diferencajn aspektojn: en la orienta kaj suda partoj, en la kristaleca zono, tre malebena, la penetrado fariĝis akompanante la valojn, kaj ne nur la kampara loĝantaro sed ankaŭ la urba prefere koncentriĝas tie.

En la sedimenta regiono, situacianta okcidente kaj norde de la ŝtato, kun ĝia milda reliefo, la suprolinioj orientas la loĝatigon. Diversaj faktoroj kondiĝas tiun demografian panoramon: pli granda facileco de cirkulado tra la supro de la apartigantoj de la akvoj, pli granda sanigeo kaj supera kvalito de ĝiaj grundoj rilate al la grundoj de la fundoj de la valoj.

La aŭtoro montras ankaŭ, ke tiuj du diferencaj zonoj troviĝas apartigitaj per iu atrio de loĝatigo malpli densa, kiu respondas klare al la permokarbonhava konkavaĵo, kun sabioplanaĵ kaj marliĉaj grundoj, kovritaj per kampoj *cerrados*, kaj kiu en formo de kvaronluno etendiĝas de Mococa kaj Casa Branca nordoriente ĝis Capão Bonito kaj Itararé sudokcidente.

Poste la aŭtoro studas la demografian aspekton de la diversaj regionoj de São Paulo. Li akcentas la malabundecon de loĝatigo laŭlonge de la marbordo, kaŭze de ties nebonaj naturaj kondiĉoj: granda proksimeco al Serra do Mar (Montaro de la Maro) kaj malfacileco de komunikoj kun la interna altebenaĵo tra la krutaĵo de la montaro. La krutaĵo mem de la montaro sin prezentas preskaŭ neloĝatigita pro la granda deklibecon kaj la densa arbaro, kiu ĝin kovras.

Li studas sekve la distribuon de la loĝantaro sur la altebenaĵo je malnova loĝatigo, distingante la valon de la rivero Paraíba kaj la deklivoj de la montaro Mantiqueira. Poste li studas la permian konkavaĵon, areo je malmulte densa loĝatigo, kaj okcidentan plataĵon, zono je freŝdata okupado kaj tre loĝatigita.

Li finas farante konsiderojn pri la graveco de urbo São Paulo, granda centro administra, ekonomia kaj kultura, kaj klarigante ĝian eksterordinaran demografian disvolvigon.

Konklude la aŭtoro akcentas la grandan demografian kreskadon de ŝtato São Paulo kaj la faktorojn kun superreganta influo sur la distribuon de ĝia loĝantaro: la reliefo, la kvalito de la grundoj, la vegetaĵaro kaj la orientdirekto de la komunikvojoj.